

H. J. 9892 2

Porque tem a Guerra que ser proseguida

LONDRES
ALABASTER, PASSMORE & SONS, LTD.

—
1917

H. J.
9892

2

Porque tem a Guerra que ser proseguida



LONDRES
ALABASTER, PASSMORE & SONS, LTD.

—
1917

Porque tem a Guerra
que se prolonga



PORQUE TEM A GUERRA QUE SER PROSEGUIDA

COMO progride a guerra e por quanto tempo se prolongará ella ainda?

Eis uma pergunta que cada soldado no campo de batalha, cada civil no seu lar, cada observador nos paizes neutros, o mundo todo emfim, tem o direito de se fazer a si mesmo ao desenvolver-se cada uma das phases d'esta enorme contenda.

Tal interrogação não representa necessariamente uma fraquejante determinação, incerteza de intento ou duvida do resultado final, mas apenas quer dizer que de vez em quando os que combatem, os que soffrem, os que observam e os que labutam, desejam lançar uma vista d'olhos sobre a situação, avaliar as probabilidades e calcular o caminho ainda a fazer na estrada que nos conduz á verdadeira luz.

¿Então porque proseguir com a guerra? Porque não existe ainda uma base commum que possa servir de ponto de partida para uma debate; porque para alcançar tal base de discussão não ha da parte do nosso inimigo nem desejo nem vontade sincera. Porque o que elle chama o seu "desejo de paz," não é um desejo de uma paz que *nós* possamos jamais acceitar.

Façamo-nos comprehender. O Kaiser tem "offerecido" paz, tem fallado d'uma liquidação, mas tem-no feito sempre pela bocca do seu Governo, a qual até hoje se não tem aberto senão para fallar

falso. A sua offerta de paz nao é mais que um signal, um indicio do estado de anciedade em que se encontra a Allemanha, mas de maneira alguma uma base solida para uma discussão de termos de paz.

Dizemos que a Allemanha aneia pela paz. Tantas vezes tem-no ella repetido sempre com os seus modos arrogantes; os seus Socialistas, com o proprio consentimento do seu governo prussiano, não cessam de por ella clamar; os seus jornaes annunciam-na; os seus grandes homens promettem-na sem cessar para um proximo futuro; o seu Kaiser é sempre o primeiro a prophetisal-a; e cada novo esforço feito pela Prussia, desde os dias de Verdun e mesmo antes, é sempre proclamado como o *derradeiro* esforço e com essa esperanza do *derradeiro* golpe, da offensiva *final*, do ataque que será o ultimo ajuste a animar-lhes o coração, vae assim a Prussia conduzindo para a morte as fileiras dos seus doceis soldados.

Mas como ou em que sentido quer ella regular a questão?

Subjugando a França ou destruindo o poder maritimo britannico; matando á fome a Grã-Bretanha ou alcançando Paris. Ha mais de dois annos, podemos bem dizer desde a batalha do Marne, é sempre a mesma historia: o grande ultimo golpe que lhes ha-de dar a victoria; e depois uma paz que satisfará a cubiça germanica; a divisão de espolios; os ricos terrenos carboniferos da França; immensas indemnisações dos Alliados; "garantias" para o futuro; e finalmente uma Belgica allemã, com a

Allemanha em Antuerpia, organisando as suas piratarias para a "proxima guerra," a qual (como já hoje se está ensinando ás creanças nas escolas allemãs) terá por fim consolidar e extender as conquistas feitas n'esta guerra actual.

Em poucas palavras é esta a paz que o Governo allemão deseja, pelo menos desde a batalha do Marne, pela qual cada dia mais intensamente aneia desde a immortal historia de Verdun e como diz um Americano que por muitos annos viveu na Allemanha, é "loucamente" que a querem á medida que o bloqueio vae apertando. Comtudo a paz que os Allemães querem é sempre a "sua" paz.

E que evidencia ha primeiro que o Governo allemão, as classes governantes ou mesmo o povo allemão desejem outra especie de paz?

Hindenburgo e Reventlow, os Junkers e extremistas teem abertamente declarado que contam com indemnisações e pelas revelações de Mr. Gerard publicadas pelo *Daily Telegraph* prova-se bem, que em Janeiro de 1917, Bethmann-Hollweg ainda pretendia aquillo que na realidade não era mais do que uma permanente occupação da Belgica pela Allemanha. Claro está que com homens d'esta tempera não pretendemos nem queremos discutir.

Vejamos agora pelo que diz respeito aos assim chamados moderados, aos democratas-socialistas e ao povo allemão.

Como é sabido foram elles que ultimamente precipitaram a crise e reclamaram do seu Governo uma declaração da politica de "nem annexações nem indemnisações." Mas a resignação do Chan-

celler Allemão, a supressão temporaria do jornal hoje pacifista de Maximilian Harden, o proprio silencio de “moderados” taes como o Capitão Persius e o antigo Ministro das Colonias Dernburg, mostram bem o que o Governo allemão pensa de tal reclamação. Rejeita-a por completo.

Mas mesmo que a não rejeitasse, mesmo que vencesse o partido de “nem anexações nem indemnizações,” que especie de paz seria essa? Poderiamos nós acceital-a? Poderiamos nós ter confiança n’esses homens? Poderiamos nós ter a certeza que por traz da cortina não estava o Governo prussiano? que não era esse partido joquete nas mãos dos Junkers para lhes encobrir os seus reaes intentos da guerra?

Por outras palavras qual tem sido o procedimento durante a guerra do partido “nem anexações” e em geral dos democratas-socialistas allemães?

Antes da guerra, o Principe Bülow, no seu livro “A Allemanha Imperial” exprimia o seu receio dos democratas socialistas se tornarem traidores á patria, no caso d’um conflicto europeu, isto é, temia que elles se não quizessem enfileirar no assalto aggressivo contra a liberdade europeia. Porém o seu receio transformou-se em agradável surpresa.

Logo ao primeiro rufar dos tambores o partido social democratico allemão adoptou jubilosamente a divisa patriotica “*la patrie en danger.*” Apezar de terem ouvido repetir vezes sem conto que a Russia como nação militar era quantia desprezivel, foi cheio de panico que com ella se defrontaram, mas como os outros lá foram marchando submissos para a frente.

Na segunda edição do seu livro o Príncipe Bülow faz-lhes *amende honorable* declarando que o seu procedimento foi muito além do que elle esperava. No entretanto outros, mais claramente que o Príncipe Bülow, haviam já previsto o que havia a esperar dos sociaes-democratas, cuja attitude já mesmo antes da guerra havia sido revellada.

Para não irmos muito longe, basta ver como elles á uma votaram com o resto do mundo a exorbitante lei militar de Junho de 1913; essa mesma attitude conservaram até á vespera mesmo da guerra, quando, após vagas declamações academicas sobre serem os povos da Europa innocentes victimas da guerra, o orgão Central dos Socialistas democratas allemães, o *Vorwaerts* se divertiu em cognaminar Guilherme II. “um partidario sincero da paz dos povos” e os chefes do partido denunciaram o “imperialismo” da Republica Franceza, a ambição da Inglaterra e o barbarismo da Russia.

E tudo porque a Austria, tendo a seu lado a Allemanha, estava tentando a conquista da Servia! E tudo porque a Allemanha, alardeando abertamente “o delicto que estava commettendo,” ia invadindo a Belgica.

Mas foi isto por acaso um accesso do terror que sobrepuja toda a razão?

Foi isto um ataque do chauvinismo contagioso do resto do paiz, que a esse tempo se precipitava n’essa “divertida guerrasita” preparada durante quarenta annos?

Bem longe d’isso. Os socialistas allemães tiveram tempo de sobra de repensar sobre o caso, e á medida

que a guerra ia progredindo nunca modificaram as suas vistas.

Baseando a sua aprovação em allegados terrores do “triumpho do despotismo Russo”—termos bem extraordinarios, seja dito mais uma vez, empregados por homens educados a desprezar a potencia militar da Russia—Herr Haase, presidente do grupo parlamentar social-democratico, declarava que na hora de “perigo”—o perigo do ladrão armado entrando na casa do seu visinho—elle e os seus não podiam desamparar a patria e os socialistas de boa mente votaram os creditos de guerra no meio de universal acclamação.

Diz o *Vorwaerts* do dia 6 de Agosto de 1914:—
“Toda a camara estava de pé applaudindo e aos vivas.”

Quatro mezes mais tarde todo o grupo Socialista, á excepção de Karl Liebknecht, votava as novas medidas propostas pelo Governo imperial. Mais ainda, entre todos os socialistas não houve um unico que protestasse contra as atrocidades praticadas pelos Allemães na guerra—contra Louvain, Malines, Senlis e Rheims, contra os ultrajes ás mulheres e chacina de creanças.

Antes pelo contrario, n’essa altura enviavam os proprios socialistas, pela bocca de Haase, as suas mais sinceras “felicitações” aos bravos defensores da Allemanha, que acabavam justamente “de defender” os seus lares assolando os dos seus irmãos d’além fronteira. Para que proseguir?

Atravez de toda a guerra, em quanto a sorte bafejou a Allemanha, em quanto existiu a mais leve

sombra de esperança d'uma final victoria allemã, os socialistas democratas d'esse paiz seguiram obedientes o trilho do carro de Moloch, como jacaes seguem o leão, para compartilhar dos restos do festim. E como nenhuma aggremação, associação ou partido allemão pode actuar, por mais inconsistente ou dishonesto que seja o seu modo de proceder, sem se dar a si proprio sufficientes razões metaphysicas e transcendentales dos seus actos, assim, logo depois do começo da guerra e pilhagem, da rapina e brutalidade, a formula metaphysica, para justificação da força, foi dada por Paulo Hirsch no *Sozialistische Monatshefte* (4 de Agosto 1914).

“ E certo que tendo votado estes creditos démos ao Governo uma especial prova de confiança, da qual certamente o partido não poderia ter compartilhado em tempos normaes. Mas n'uma conjectura como a actual, quando a unidade nacional está em perigo, torna-se absolutamente impossivel para todo aquelle, cujas considerações tacticas teem maior valor que todas as de ordem pratica, expôr-se a si mesmo, rejeitando as suas propostas, a um voto de desconfiança no Governo no campo da sua politica interna. Se assim houvesse procedido, teria o grupo socialista da camara Prussiana não só desfechado um terrivel golpe nos interesses do operariado, como tambem teria enfraquecido a mãe-patria em frente dos seus inimigos. Por mais alto que possamos collocar a ideia da solidariedade internacional, muito mais elevado se ergue ainda para nós o bem do nosso paiz, o engrandecimento economico do nosso povo. Quanto maior for o nosso poder economico como

nação, mais solidos serão os alicerces para o movimento do operariado moderno, movimento que é a garantia da civilização futura. A nossa mais perigosa inimiga, a Inglaterra, conta com a extenuação economica da Allemanha. Mas todos os seus calculos cahirão por terra, todos elles virão quebrar-se contra o solido senso commum da nação, a qual á uma não hesita, quando a salvação do paiz está em jogo, sobrepujar as questões partidarias e defrontar com animo os mais amargos sacrificios.”

N'estas linhas está resumida toda a attitude dos socialistas allemães durante a guerra.

Socialismo—sim; mas um socialismo á maneira da Allemanha—um socialismo imperialista, um socialismo, já “nosso” velho conhecido, á ponta da espada para os outros. Na realidade, uma forma democratica da “Kultur” servindo-se do Governo Imperial allemão para se espraiair por toda a Europa. O proleteriado europeu será ditoso, mas a sua felicidade terá que lhe ser dispensada por mercê das classes operarias allemãs. Por outras palavras e sempre a velha historia—*sois mon frère où je te tue!*

E para que não possa restar a minima duvida sobre o que acabamos de dizer, transcreveremos aqui parte d'um discurso pronunciado pelo deputado Wolfgang Heine em Stuttgart, no mez de Fevereiro de 1915, discurso que foi citado e applaudido por toda a Allemanha:

“Antes que se possa seriamente pensar na paz, é necessario fazer-se mais luz sobre a situação da guerra. Temos toda a confiança nos exercitos germanicos e na nação em guerra; os seus feitos enchem-nos do mais profundo respeito e admiração.

Além nos campos de batalha não ha um só soldado que não deseje a paz e uma paz tão breve quanto possível e comtudo todos á uma cumprem heroica e devotamente o seu dever. O exercito e o povo estão intimamente unidos e a nós só nos compete seguir o exemplo estabelecido pelos nossos heroicos luctadores. Por outro lado, as nossas esperanças de paz devem confiadamente assentar tambrem no desejo de paz que anima o nosso Imperador, o grande amante de paz. Todos nós sabemos, que por duas vezes no decurso d'estes ultimos annos, tem elle dado provas, em bem criticas circumstancias, d'esse seu amor pela paz, tendo sido elle, por assim dizer, o salvador da Paz.

“As classes operarias estão intimamente ligadas á nação pelo seu desejo inabalavel de compartilhar na cultura espiritual e solidariedade economica do paiz, apesar de todos os conflictos de interesse de classe. Fosse a industria allemã derruida, o operario soffreria tanto senão mais ainda que o seu patrão. Mas mais ainda o operario está sujeito ao Estado, por mais imperfeitos ou conflictuosos que sejam os seus interesses. O operario é uma parte integrante do povo allemão e como este sente mais que nunca ser o destino da nação o seu proprio destino tambem.”

E o orador concluiu o seu discurso por affirmar que depois da guerra a attitude dos socialistas-democratas se manterá sempre a mesma.

* * * * *

Desde então para cá muito se tem dado e nada se tem dado.

No campo de batalha tornou-se impossivel a

victoria allemã com a velha formula de annexação, compensação e indemnisação. Pode ser que as classes dirigentes allemãs o não vejam assim, mas os socialistas bem o sabem, mas mesmo sabendo-o, limitam-se a registar um facto e com elle se conformam. E que facto! Um facto de allivio para todo o mundo, produzido pelo esforço dos alliados e sobretudo pela lucta immortal do povo francez em armas. Desde Verdun, que pouco a pouco, as esperanças allemãs se teem ido afundando, tendo apenas para as galvanisar periodicamente a illusoria expectativa n'uma campanha submarina, n'uma paz com a Russia ou n'um aprvisionamento de cereaes rumaicos. E a cada nova expectativa mais e mais se vão diluindo as esperanças, e o resultado é que hoje, no verão e outomno de 1917, o partido social-democrata allemão apenas quer uma paz baseada n'uma "victoria defensiva."

Mas o que é essa "victoria defensiva" em que elle hoje tanto insiste?

Podémos nós acceital-a?

Não ha meio de sabermos o que ella quer dizer por isso que elles proprios empregam todos os meios para não denunciar os seus termos. Mas de uma maneira concisa e vaga a sua formula deve ser ainda: "nem annexações, nem indemnisações."

Mas seja como fôr, o que é fóra de toda a duvida é que uma paz mesmo n'esses termos seria uma victoria para a Allemanha, não a victoria que ella aspirava ao lançare-se no "despreoccupado" assalto de 1914. Mas comtudo ainda uma victoria, *um triumpho que os proprios socialistas-democratas admittem.*

Lia-se não ha muito no *Vorwaerts*:

“Vencer é o nosso dever. Mas não se trata d’uma victoria de aniquilação ou conquista; ainda que bem desejada fosse tal victoria, não se poderia ella alcançar em frente de forças dez vezes superiores. A victoria para nós é uma questão de conservação e defeza propria, uma victoria, que segundo a actual balança de poder, possa satisfazer os direitos de honra e justiça que reclamamos para a nossa patria. Se nove-decimos do povo allemão estão convencidos que o caminho para esta indispensavel victoria é apenas obstruido pelos arranjos internos da nossa constituição, poderá alguém ter o desejo ou o poder de se oppôr a que elles sejam removidos?”

Por isto se vê qual é o real o objectivo dos moderados e com elles o dos socialistas-democratas — sem duvida a paz; sem duvida a reforma; mas uma reforma que conduza á victoria, uma paz registando o “dever de conquista.” E se os socialistas-democratas allemães appellam agora para uma reforma dentro do seu proprio paiz, é unicamente na esperança, que por ella possam obter uma “mais vasta” victoria, e com ella maior quinhão para o seu partido. Assim ainda ha dias dizia de novo o *Vorwaerts*:

“Se a Allemanha fôr governada democraticamente, não só ella augmentará o seu poder defensivo para as ultimas phases d’esta guerra mundial, não só ella poderá alcançar mais brevemente a paz, mas encontrar-se-ha sem duvida em bem melhor situação para futuras negociações de paz.”

De resto de ha muito que os socialistas-democratas

absolveram o procedimento do Governo prussiano. Resumindo em poucas palavras a sua doutrina, eis o que o social-democrata Heine dizia a 19 de Junho ultimo passado:—

“Quando rebenta uma guerra, o povo nada mais tem que fazer do que tratar de medidas de protecção. Pouco importa quem seja o responsavel pela guerra, como nenhuma importancia tem a formula que condemna as guerras de aggressão ou justifica as de defeza.”

“O que se pretende é uma melhor posição para as futuras negociações de paz! Uma ‘paz offensiva.’”

Mas supponhamos concluida essa mesma “paz offensiva” e a paz assignada “nas bases de 1914,” isto é o *statu quo*.

A Allemanha ainda seria victoriosa.

Com o seu territorio incolume, os seus campos e lares não devastados, não teria tido ella todo o trabalho de dolorosa restauração e reconstrucção que defronta a França, a Belgica, a Polonia, a Servia, a Rumania e a Russia. A sua marinha mercante teria-se-hia apoderado de todo o commercio que pertencia aos navios por ella mettidos a pique. A sua influencia na Europa oriental, em parte encoberta antes da guerra, seria completa e cynicamente desvendada. A Austria, a sua sombra e escrava, estaria condemnada, sobre todos os pontos de vista, a ser ainda mais a sua escrava, a sua sombra. A enfranquecida Belgica seria présa segura para a sua propaganda economica. Na essencia senão na forma ver-se-hia realisada a rapacc visão da *Mittel-Europa*. E comtudo é esta paz—“victoria defen-

siva"—a unica paz offerecida pelo mais benigno e mais moderado dos Allemães. Mas mesmo esta paz nem por sonhos pensa o actual governo allemão conceder. Mas ainda que seja um terrivel erro confundir-se a "paz sem annexações" desejada pelos socialistas democratas com uma paz permanente europeia anhelada pelos Alliados, não podemos negar a importancia do papel representado por esses socialistas na recente comedia de arrependimentos e boas resoluções, conhecida pela conferencia de Stockholmo, e na paz "toda parcial" offerecida á Russia. Sempre que a situação se torna mais negra na Allemanha, avançam para o meio da scena os seus socialistas-democratas. Permite-se-lhes que fallem mais afoutamente, sobretudo quando se trata de levantar a discordia entre os Alliados. Mas logo que os seus esforços não produzem o effeito desejado, esses bonecos de sabugo ou essas victimas da autocracia prussiana desapparecem da scena para se irem entregar ás suas privadas meditações.

E assim é que vimos Erzberger e outros protestarem contra a *guerra á outrance*, mas com que resultado? Com o resultado do Kaiser e do Kronprinz, Ludendorff e Hindenburg se pôem de novo em campo e de todos os protestos de Erzberger cahirem por terra desprezados. E comtudo foi esse mesmo Erzberger um dos que, em 1914, mais altamente proclamou o seu desprezo pelo esforço dos Alliados em geral, e pelo exercito britannico em particular!

* * * * *

A guerra deve portanto proseguir até que derrotemos o partido da pilhagem. Mas por quanto

16 Porque tem a Guerra que ser proseguida

tempo ainda? Vem ainda muito longinqua essa derrota?

De todo o raciocinio sobre a presente situação, surge um esperançoso factó; a crescente urgencia de paz para a Allemanha revela-se bem nas suas incessantes intrigas para a paz, e essas intrigas são o symptoma da sua approximação do fim.

Que fatal erro não seria então interpretar essas intrigas de paz com um regresso á bemquerença ou arrependimento por aquillo que a Allemanha tem feito! Essa má interpretação só levaria na realidade a França e os Alliados a atirarem fóra com uma mão aquillo que tivessem ganho com a outra. Na sua valorosa mão direita estreitam hoje apertada a guella d'esses poderes rapaces e é em vão que a Prussia se debate procurando uma sahida. Mas essa sahida nunca ella encontrará se não enfranquecermos a nossa garra. Pouco falta para o final da lucta, mais um esforço, mais um aperto da mão de ferro e a Allemanha cahirá vencida e fóra de combate. No entretanto o Kaiser, o Kronprinz, os Junkers querem mais guerra. Seja, terão mais guerra e tanto mais n'ella proseguiremos quanto estamos proximos de a ganhar.

